

Novo anesthesico local.—A' Sociedade de Medicina de Berlim (Sessão de 11 de Janeiro) o Dr. Lewin apresentou a seguinte nota: No começo do anno passado recebi, para examinar, d'uma casa commercial ingleza, uma substancia vermelha, chamada *haya*, de composição desconhecida, supposta, porém, venenosa. A massa continha partes amorphas e pedaços de casca onde encontrei depositos de oxydo de ferro. As reacções chemicas demonstraram que se tratava d'um glycoside. Havia lido em obras antigas sobre a Africa que no lado do noroeste d'este continente conhecia-se um veneno que produzia a insensibilidade, e, segundo Liwingstone, paralysava a lingua e a insensibilisava.

Estudando uma solução aquosa de *haya*, instillada em pequena dose no olho dos gatos, produzio-se tal anesthesia que, podia se irritar como quizesse o olho sem provocar o menor movimento das palpebras. Este effeito era obtido em 20 minutos e persistia durante 10 a 24 horas, conservando a cornea toda sua transparencia. A injeção hypodermica d'egual solução produzio rapidamente moderação consideravel do coração, seguida de paralyisia, e convulsões, no começo, por todo o corpo do animal. Estas experiencias me fizeram lembrar de uma substancia de que me occupei, ha mezes, o *erythrosteum judiciale*, planta venenosa originaria do mesmo lugar, descripta pela primeira vez por Oertel no começo deste seculo, e empregada pelos africanos para envenenar as flechas e *servir aos juizos de Deos*.

Receiando da identidade destas duas plantas, verifiquei-a com o exame das cascas de ambas, tiradas de peças do nosso muzeo botanico, o que foi confirmado pelo juizo de alguns competentes a quem consultei a respeito. A *haya* provém, pois, do *erythrosteum judiciale* (que serve para o juizo de Deos). Este qualificativo originou-se do facto de servir a solução do pó d'esta planta para envenenar os culpados, aos quaes os africanos dão-na beber; se o individuo vomita é innocente, e se não vomita envenena-se e é apedrejado.

Procurando fazer aquisição de maior quantidade de cascas de haya, fiz preparar na fábrica de productos chimicos de Merk, em Darmstadt, uma porção sufficiente de chlorhydrato de erythrofleina para experiencias em animaes. Dous centigrammas deste sal matam os cães, emquanto que supportam bem um centigramma. Os coelhos não resistem mesmo a esta dóse. Uma solução a $\frac{1}{500}$ instillada no olho d'um gato produziu, após 20 minutos mais ou menos, anesthesia completa durante 24 a 60 horas. As soluções concentradas (a $\frac{1}{50}$) provocam irritação muito intensa da cornea, o que se dissipa entretanto em poucas dias.

Em um animal fortemente strychnisado, a injeccão hypodermica de erythrofleina na perna faz desapparecer as convulsões e impossibilita o reaparecimento dellas. Nos porcos da India pode-se, 15 minutos após injeccão hypodermica, incisar quanto queira a pelle da região picada sem occasionar a menor dor, insensibilizados até os musculos. Sob a influencia de doses mais fortes os animaes morrem em convulsões. «Na mesma Sociedade (Sessão de 25 de Janeiro) o Dr. Lewin completa sua comunicação dizendo:» Permitti-me, senhores, completar minha ultima comunicação sobre a erythrofleina, novo anesthesico local extrahido da *haya*.

Tendo injectado no flanco de um porquinho da India meio milligramma da substancia em um centimetro cubico d'agua, obtive, 15 minutos depois, uma anesthesia tão consideravel que pude cortar a pelle, os musculos e o peritoneo e suturar depois a ferida, sem provocar a menor reacção de dor. Em um cão forte o mesmo resultado obtive com igual injeccão na coxa. Basta instillar no olho algumas gottas d'uma solução de erythrofleina a $\frac{1}{2000}$, para ver produzir-se logo completa anesthesia sem dilatação da pupilla. A solução chimicamente pura da substancia não deve ser opalescente, nem apresentar reacção acida, isto é, deve ser livre de acido erythrofleico.» (*Bulletin Medical.*)